

## A Terceira Inscrição de Bloena

Pelo Padre Arlindo R. da Cunha

*Têm ultimamente surgido à flor da terra, em Braga e arredores, algumas inscrições luso-romanas. Nem isso é de estranhar: vão-se escavando novos alicerces onde existiram velhos pardieiros, usa-se moderna aparelhagem de revolver o solo até mais fundo, e o resultado é aparecerem pedregulhos, historicamente valiosos, soterrados no tempo do Povo-Rei.*

*Sempre que tenho conhecimento desses achados, não obstante a multiplicidade das minhas ocupações, apresso-me a cuidar do estudo desinteressado dessas preciosidades arqueológicas e tenho publicado notas acerca de tais problemas epigráficos no diário bracarense «Correio do Minho».*

*A natureza, porém, dum recente achado em Carrazedo, Amares, pareceu-me digno dum estudo mais pormenorizado, tal a complexidade dos problemas levantados pelo onomástico da inscrição lapidar agora surgida à luz do dia.*

*Revela um nome ainda inédito na epigrafia lusa e galaica, e sugere-nos a forma como se processou a fusão harmoniosa do povo celta com o romano colonizador.*

*Qual deverá ser o destino da já agora célebre pedra?*

*A mim, simples curioso, bem como a todos e cada um dos verdadeiros espíritos científicos, o que principalmente interessa é saber onde ela se encontra e a garantia de que se não virá a perder.*

## O DISTRITO DE BRAGA

**Tempo e lugar.** — No dia 14 de Abril do ano de 1973, andando uma máquina escavadora a abrir um sulco para canalizar água potável na freguesia de S. Martinho de Carrazedo, do concelho de Amares, surgiu da terra uma pedra, dura mas bem trabalhada, que logo se viu ser uma ara votiva.

Chamava-se da Porta o campo do achado, sito perto da igreja paroquial e pertencente ao Sr. José Pereira Lopes, da firma Eusébio & Filhos, empreiteiro daquela freguesia.

Antes da abertura da estrada nacional para o Gerês, o caminho antigo passava por detrás das casas do lugar, não sendo por isso fácil saber se a **porta** que deu nome ao sítio onde apareceu a famigerada pedra era uma das das referidas habitações ou, como me parece mais provável, a de qualquer velho edifício ou muro hoje desaparecido.

**Estragos causados à pedra.** — Como vulgarmente acontece, a máquina beliscou a pedra no princípio da superfície epigrafada, levantando



## A INSCRIÇÃO DE BLOENA

do-lhe uma lasca com parte de algumas letras e tornou difícil, mas ainda assim possível, a leitura, se não correcta, ao menos provável da inscrição. Na primeira linha, ficou bem patente a palavra LARIBVS. Na segunda, lê-se a primeira letra B e aparece a curva da direita dum O. Neste caso BORICIS. Na terceira, VOTVM. Na quarta, SOLVIT. Na quinta, BLOIINA <sup>(1)</sup>.

**Primeiro estudo.** — Quem primeiro estudou o referido monumento epigráfico foi o Sr. Domingos Manuel da Silva, natural de S. Paio de Ceramil, que, além de outros trabalhos de investigação, publicou três volumes acerca da arqueologia, etnografia e história de **Amares e Terras de Bouro** <sup>(2)</sup>.

Referente ao monumento que agora nos ocupa, escreveu uma notícia, com interessantes comentários, no semanário local **Tribuna Livre**, sob o título «Importante achado arqueológico» <sup>(3)</sup> e «A respeito da pedra de Carrazedo» <sup>(4)</sup>.



**Ara votiva.** — A pedra em estudo reveste-se de todas as características de uma **ara**, altar, romana. Tem aproximadamente a forma duma

(1) Dois traços paralelos em posição vertical, como na presente inscrição, é uma «forma arcaica» de representar o E. Cf. Batlle Huguet, **Epigrafia Latina**, Barcelona, MCMXLVI, pág. 12.

(2) **Amares**, 1958, 1959.

(3) N.º 547, de 12 de Maio de 1973.

(4) N.º 548, de 19 de Maio de 1973.

## O DISTRITO DE BRAGA

casa, com base e entablamento, rematado este por duas volutas. No acrotério, apresenta um orifício, **foculus**, onde se acendia o fogo para consumir as oferendas e queimar incenso e outras espécies odoríferas.

Ostenta, além disso, outro orifício, este revestido de chumbo a que aderiram grãos de areia fina.

Previne Anthony Rich de que, na falta deste segundo orifício, pode ser que a pedra, em vez de ser uma **ara**, não passe dum mero **cippus** <sup>(5)</sup> ou padrão votivo ou honorífico.

Um altar, **ara**, pode ser consagrado, por simples devoção dum particular, duma família ou duma colectividade. Aqui foi uma pessoa particular, BLOENA <sup>(6)</sup>, que o erigiu em cumprimento duma promessa: VOTVM SOLVIT.

**Aos Lares.** — Uma ara votiva pode ser erecta: em honra duma divindade particular, como se no Cristianismo alguém mandasse erguer um altar, por exemplo, em honra do Senhor dos Aflitos; ou duma entidade colectiva, como entre Cristãos em honra dos Anjos ou das Almas Santas do Purgatório.

Este último caso está em paralelo com a ara de Carrazedo, consagrada ao **Lares** ou espíritos tutelares, almas dos mortos ou génios protectores da família ou de quanto se relaciona com ela, como as habitações, os campos, os caminhos, etc. Por isso os nossos museus conservam aras dedicadas aos **Lares Familiares**, aos **Compitales** <sup>(7)</sup> ou das encruzilhadas, aos **Viales** ou das estradas, aos **Rurales** ou dos campos, etc. <sup>(8)</sup>.

António Tomás Pires transcreveu para a página 279 do volume XX da *Revista Lusitana*, Lisboa, 1917:

[XXVI. **Deuses Lares.**

«Lares, segun Plauto, eran unos Deuses domesticos: porque assi como el Genio se puso para la guarda del cuerpo: assi pusieron Lares para la guarda de la casa, como los Penates; por lo qual algunos tuvieron ser lo mismo Lares, que Penates. Acostumbravam tener en las casas un lugar comun, que era en los fuegos, donde les hazian grãdes, y alegres sacrificios: en memoria de lo qual hasta oy dia, a los morillos, y a las cadenas en que cuelgan las calderas al fuego, se dizen **llares**, de **Lares**...»

(*Filosofia secreta*, por Juan Perez de Moya. Madrid, 1673; pág. 216)]

José Maria Blazquez Martinez, nas páginas 130-132 do vol. I de

<sup>(5)</sup> *Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques*, Paris, 1873, s. v. **Ara**.

<sup>(6)</sup> O sinal II, forma arcaica de representar o E, tem aqui valor para datar a inscrição. Pedro Batlle Huguet, *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946, pág. 12.

<sup>(7)</sup> Cf. a expressão popular **correr «à compita»**.

<sup>(8)</sup> Anthony Rich, *Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques*, Paris, 1873, s. v. **Lares**.

**Religiones Primitivas de Hispania**, Madrid, 1961, regista monumentos epigráficos com **Lares Cairienses, Tarmucenbaci, Cerenaeci, Cusicelenses, Erredici e Findenetici**.

**Laribus Boricis**. — **Boricis** é dativo do plural dum adjectivo em concordância com **Laribus**. Aparece a palavra em qualquer dicionário latino. O manual de que me costumo servir, por me parecer o mais completo, é o **Dictionnaire Latin — Français** de L. Quicherat et A. Daveluy<sup>(9)</sup>. Além deste, tenho sempre à mão o **Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine** de A. Ernout e A. Meillet<sup>(10)</sup>, que me elucidou a respeito da origem desse adjectivo: Deriva do grego **Boreas**, vento norte, e é próximo parente de **borealis**, determinativo das auroras **boreais**. **Laribus Boricis** significa, conseqüentemente, aos **Lares Boreais**, setentrionais ou do Norte. Convém desde já esclarecer a razão por que Bloena dedicou a ara aos **Lares Boreais** ou do Norte e não a outros quaisquer. É que Bloena, como adiante se verá claramente, era uma personagem céltica<sup>(11)</sup> de origem, e por isso oriunda de uma região nortenha em referência à pátria dos Romanos com quem agora convivía pacificamente.

A segunda linha da ara de Carrazedo dever-se-á, porém, ler **Boricis** ou **Buricis**?

Devido à fractura da pedra que atingiu principalmente a segunda letra dessa linha, é lícito hesitar entre uma e outra forma. E em latim havia as duas palavras. A primeira fica explicada acima. A outra estudam-na Ernout e Meillet<sup>(12)</sup>. Vale a pena transcrever a versão portuguesa das palavras com que os dois linguistas franceses abonam a palavra: — «Os **Buri** (Boyroi em grego) são um povo da Germânia, Cf. **Germ.** 43; uma **expeditio Burica** é mencionada em C. I. L. III 5937; **Buricus** figura como cognome em C. I. L. 8059, 36; XII 2525; VIII 11400».

As iniciais C I L são abreviaturas de **Corpus Inscriptionum Latinarum**. O volume referente à nossa terra é o II e pode ser consultado na Biblioteca Pública de Braga.

Se a palavra está escrita com V (u), a pedra é dedicada ao **Lares Buricos** ou da **Família Búrica**.

**O dedicante Bloena**. — É a terceira vez que aparece uma personagem assim denominada: A primeira, filha dum céltico romanizado **Camalus**, foi sepultada em Braga, onde hoje está a Quinta Avelar. Honrada pelo pai com uma cabeceira de sepultura rectangular debruada

(9) 54.<sup>a</sup> edição, Paris, s. d.

(10) Paris, 1939.

(11) F. Lopez Cuevillas, **La Civilización Céltica en Galicia**, Santiago de Compostela, 1953, pág. 38.

(12) **Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine**, Paris, 1939, s. v.

## O DISTRITO DE BRAGA

com uma dupla corda de feição castreja, era natural de **Valabriga** <sup>(13)</sup>.

Por generosa oferta dos seus nobres proprietários, acha-se hoje este monumento epigráfico no Museu Pio XII, do Seminário de Santiago.

A cercadura com a corda a ornamentar a inscrição é comum na civilização castreja. Encontra-se em Briteiros e em Sabroso <sup>(14)</sup>; e, além disso, pelo menos num «castro» de S. Martinho de Escariz, Vila Verde, donde veio uma pedra com a mesma ornamentação para o Seminário de Santiago.

A estela <sup>(15)</sup> da Casa Avelar, de grande valor epigráfico embora mutilada, conserva a inscrição, a bem dizer, completa; mereceu vasta bibliografia e foi assim lida, desde Albano Belino (1863-1906) que a descobriu <sup>(16)</sup>:

BLOEN  
A CAM  
ALI. F  
VALAB  
RICNSIS  
H. S. E. <sup>(17)</sup>.

Em português: — **Bloena**, f(ilha ou filho) de **Camalo**, de **Valábriga**, recebeu aqui sepultura.

Camalo, nome indubitavelmente céltico <sup>(18)</sup>, é por conseguinte o pai de Bloena. Aparece frequentemente e em diversas localidades. Só na Citânia de Briteiros, encontramos-lo pelo menos quinze vezes, incluída neste número a casa (**domus**) dum filho de nome Coronero <sup>(19)</sup>.

Não é de todo impossível, mas muito pouco provável, a identificação do **Camalo** de Briteiros com o homónimo de Vizela, devoto do

---

<sup>(13)</sup> Acerca de **Valabriga** ou **Valabriga** e da sua posição topográfica, ver a abundante bibliografia citada por Mário Cardoso em **Correspondência Epistolar** entre Emílio Hübner e Martins Sarmiento, Guimarães, 1947. Não era de Valábriga só o pai de **Bloena** bracarense, mas também o dedicante dum monumento votivo a **Brigo**, divindade invocada em Delães, Famalicão. Cf. Martins Sarmiento, **Dispersos**, Coimbra, 1933, pág. 301.

<sup>(14)</sup> Mário Cardoso, **Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso**, Guimarães, 1971, pág. 36.

<sup>(15)</sup> Mário Cardoso, **Catálogo do Museu de Martins Sarmiento**, Guimarães, 1972, pág. 106.

<sup>(16)</sup> **Inscrições Romanas de Braga**, Braga, 1895, pág. 16-17.

<sup>(17)</sup> Bloena, filh(a) ou filho de Camalo.

<sup>(18)</sup> Martins Sarmiento, **Dispersos**, Coimbra, 1933, pág. 9.

Ensina Adolf Schulten: «Camalus que es tan frecuente en Galaccia y corresponde al Camulus (con u) de Gallia y Britannia». **Los Cántabros y Austures y su Guerra con Roma**, Madrid, 1943, pág. 108.

<sup>(19)</sup> **Caroneri / Camali / Domus**. Ver Mário Cardoso, **Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso**, Guimarães, 1971, pág. 43.

## A INSCRIÇÃO DE BLOENA

Deus **Bormânico** <sup>(20)</sup>. Neste caso, aliás bem difícil de provar, **Camalo** teria pelo menos dois filhos: **Coronero** e **Medamo**; ou três, se a mesma personagem citaniense era também, como seria possível, o **Camalo** pai de **Bloena** da sepultura de Braga, da Quinta Avelar.

A sudoeste de Chaves, viveu e foi sepultada uma criança de três anos de nome **Camalo**. Reza assim a pedra da sepultura dela, monumento há anos recolhido no Museu de Chaves. CAMALVS | BORNII. F. | | HIC. SITVS. | EST ANNOR | III. E T... | FRATER. FACIE | NDV CVRAVIT — **Camalo**, de três anos, filho de Borno, está aqui sepultado. O irmão tratou de erigir <sup>(21)</sup>.

Além de aparecer repetidamente em inscrições em pedra, mais vezes ainda o encontramos gravado em louça de barro. E o que é mais de notar é que neste caso costuma estar precedido de **Arg** ou de **Airg**, sendo a segunda forma genitivo da primeira, como observa judiciosamente Martins Sarmiento <sup>(22)</sup>.

É assim descrito por Mário Cardoso o catálogo das inscrições de **Camalo**: «O nome céltico de **Camalo** encontra-se com frequência nas inscrições peninsulares, nomeadamente na região dos castros galaico-portugueses. A própria forma epigráfica CAA (**Camal**), repetida na Citânia de Briteiros, tem aparecido noutros castros, como no do Pico de Regalados, próximo das Termas de Caldelas, onde há pouco foi encontrado pelo pároco desta freguesia um fragmento cerâmico com aquele nome siglado, gravado a estilete no barro cozido; encontrou-se também recentemente numa pedra achada no castro espanhol de **Barán**, da região de Lugo. No Museu da Sociedade Martins Sarmiento existem nada menos de 11 inscrições com o nome de **Camalus**, sendo 7 procedentes de Citânia, uma das termas romanas de Vizela, e 3 de Braga. Aparecida perto de Chaves é igualmente conhecida uma bela inscrição sepulcral onde figura o mesmo nome» <sup>(23)</sup>.

---

<sup>(20)</sup> É a seguinte a leitura já consagrada da inscrição de Vizela, hoje no Museu Martins Sarmiento: MEDAM | VS CAMALI | BORMANI | CO. V. S. L. M: Medamo, (filho) de Camalo, cumpriu de boa mente a promessa a Bormânico — Mário Cardoso, *Catálogo do Museu de Martins Sarmiento*, Guimarães, 1972, pág. 22.

<sup>(21)</sup> Mário Cardoso, *Algumas Inscrições Lusitano—Romanas da Região de Chaves*, Chaves, 1943, págs. 29-30.

<sup>(22)</sup> *Dispersos*, Coimbra, 1933, pág. 9. Efectivamente nas línguas célticas é frequente a flexão interna que falta em latim. Temos, por exemplo: nominativo, **bard** (bardo) e **colam** (pomba); genitivo, **baird** (do bardo) e **colaim** (da pomba), W. F. Edvwards, *Recherches sur les Langues Celtiques*, Paris, 1844, págs. 85-86.

O saudoso Padre João Martins de Freitas encontrou no «castro» de S. Julião, fronteiro a Caldelas onde aquele sacerdote era pároco, e ofereceu ao Museu de Martins Sarmiento, um fragmento cerâmico com a marca **Camal**. Cf. Mário Cardoso, *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmiento*, Guimarães, 1947, pág. 305.

<sup>(23)</sup> *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmiento* (Arqueologia e Epigrafia), Guimarães, 1947, págs. 19 e 305.

## O DISTRITO DE BRAGA

Outra personagem com o mesmo nome de Bloena entrou já na história há mais de 80 anos. Encontrou-a José Henriques Pinheiro (—1904), gravada numa pedra do Castro de Avelãs, no território dos Zoelas, que passou para o Museu Martins Sarmento<sup>(24)</sup>. Costuma-se ver aí a seguinte legenda:

BLOEN | AE. VIRO |NI ANN| LX

Em português: A BLOENA: [FILH(A?)]<sup>(25)</sup>.  
DE VIRONO (falecida-ou-ido com) 60 ANOS.

**Bloena homem ou mulher?** — Costumam os nomes latinos apresentar-se enfeitados com três elementos: **praenomen**, **nomen** e **cognomen**, como em **Gaius Julius Caesar**. Isso permitia, logo à primeira vista, saber o apelativo doméstico, a **gens** ou estirpe e o ramo da família de cada um<sup>(26)</sup>. **Bloena**, porém, na pedra de Carrazedo, aparece-nos com um nome absolutamente isolado, sem qualificativo de espécie alguma. Em Braga e Castro de Avelãs, ainda o vemos com o mesmo nome do pai, ou marido em genitivo (patronímico), respectivamente **Camali** e **Vironi**, mas até nestes dois casos nada nos indica a categoria, estado civil, sexo, nem a dignidade da pessoa.

Pode-se por isso perguntar se **Bloena** era homem ou mulher. A resposta que se costuma dar é que era mulher, decerto com o fundamento da terminação a. É frágil essa razão, pois em latim não faltam nomes masculinos terminados em a, como: **Porsena**, **Agricola**, **Catilina**, **Caligola**, **Agrippa**, **Sila**, **Nerva**, **Geta**, **Caracala**, **Galba**, **Seneca**, **Dolobela**.

É certo que o **Vironi** da inscrição transmontana, tanto pode indicar o pai, o marido ou o senhor, mas o **Camalus** (i) da pedra tumular de Braga, seguido de F., só podia ser pai de **Bloena Valabrigensis**, quer se tratasse de homem ou de mulher. Por isso a dúvida subsiste até porque parece pouco natural arrogar-se uma mulher o direito, ou o dever, de homenagear por si os génios protectores da família, como se não tivesse parentes masculinos que disso se pudessem encarregar.

**Bloena de origem céltica.** — Só não podemos duvidar da origem céltica da célebre personagem. López Cuevillas não hesita em a considerar desse povo ao lado de individualidades indubitavelmente da mesma estirpe, como **Reburro**, **Boutio**, **Tritio**, **Arquio**, **Clutamo** e **Pisiro**<sup>(27)</sup>.

<sup>(24)</sup> Mário Cardoso, *Catálogo do Museu de Martins Sarmento*, 2.ª edição, Guimarães, 1972, pág. 95.

<sup>(25)</sup> Aurélio Ricardo Belo entende que Virono não era pai nem marido, mas senhor de Bloena — *Símbolos Astrais das Lapidés Luso-Romanas*, Lisboa, 1959, pág. 52.

<sup>(26)</sup> Pedro Batlle Huguet, *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946, pág. 29.

<sup>(27)</sup> *La Civilización Céltica en Galicia*, Santiago de Compostela, 1955, pág. 38.



## A INSCRIÇÃO DE BLOENA

Além disso, **Bloena** poder-se-á relacionar com os nomes das divindades gaulesas **Belenus**, **Belen**, **Bellinus**, **Bilisa** e **Bellona** <sup>(28)</sup>.

A mesma conclusão chegaremos se considerarmos a natureza de **Camalus**, pai de Bloena bracarense, celta de origem e como tal habitante dos **castros** como se viu.

Como se isso não fosse suficiente, sucede ainda que duas das três pedras referentes a Bloena contém ou a suástica ou a dupla corda vulgaríssimas nos «castros» pré-romanos do Noroeste Peninsular <sup>(29)</sup>.

**Os Celtas na região.** — Não conhecemos o nome nem a naturalidade dos pais de Bloena. Sabemos, porém, que os Celtas, a cujo povo eles pertenciam, abundavam nas proximidades. Para só falar de poucas léguas em redor, há os **castros** onde viveram celtas, pelo menos, na Falperra, em Sequeira, em Guisande, em Espinho, em Santa Lucrécia, em S. Julião, na Portela, em Escariz e em Freixo (**Gadunho — Caladunum**) <sup>(30)</sup>.

Quase em frente a Carrazedo, do outro lado do Cávado, em Adaúfe, há o lugar e a Quinta de **Conde**, nome muito repetido no Noroeste peninsular e nas Gálias e de indiscutível origem céltica <sup>(31)</sup> ou melhor, celticizada. Espalhado profusamente nas regiões páleo-célticas da Gália e da Ibéria, é o radical donde se formou o topónimo

**Carrazedo.** — Cognato de **Carregal** e **Carregosa**, procede Carrazedo de boa cepa vasconça e por isso pré-céltica.

Já tratei directamente do assunto na revista **Acção Católica** <sup>(32)</sup>.

Dá-se como certo ser o radical de Carrazedo o substantivo **carrasco**, carvalho rasteiro, por sua vez derivado do latim **cerrus** da mesma significação, pronunciado **Kerrus** no tempo clássico. Com os dois sufixos **-asco** e **edo** <de **-etum**, ter-nos-á vindo **carr-asc-edo**, uma vez que o e

---

<sup>(28)</sup> André Lefèbre, **Les Gaulois (Origines et Croyances)**, Paris, 1900, págs. 133-134.

<sup>(29)</sup> Aurélio Ricardo Belo, **Símbolos Astrais das Lápides Luso-Romanas**, Lisboa, 1959, págs. 38-44.

<sup>(30)</sup> P.<sup>o</sup> Arlindo R. da Cunha, **Gadunho**, em «Escola Remoçada», de 1-XII-70.

<sup>(31)</sup> Espero ocasião de tratar de espaço deste assunto. Por agora, limito-me à transcrição do seguinte passo de Charles Rostaing que traduzo, com a possível fidelidade: Falando da camada céltica (**La couche gauloise**) na toponímia francesa, diz: [— **condate «confluent»**; esta palavra, como já se assinalou, aparece com duas formas, uma acentuada na primeira sílaba, outra na segunda. Do primeiro tipo derivam **Candes**, **Condes**, **Cosne** e **Kontze**; do segundo, **Candé**, **Condal**, **Condat** e **Condé**]. **Les Noms de Lieux**; Paris, 1948, pág. 46.

O mesmo nos ensina Albert Dauzat: — «Os confluentes desempenharam papel importante no ponto de vista comercial, superior até ao estratégico. O mais antigo nome designativo do confluyente é **condate**, palavra assumida pelos galeses duma língua anterior e que é o antepassado dos nossos **Condat**, **Condé** e **Candes**. **Les Noms de Lieux — Origine et Évolution**, Paris, 1963, pág. 25.

<sup>(32)</sup> Ano XXVII, 1942, págs. 310-316.

se muda em a junto de r como em **lacertu**, **verrere**, **ressecare** e **querimonia** que deram em português, respectivamente, lagarto, varrer, rasgar e caramunha. Temos, além disso, aparentado com **carrasco**, «o ibérico **garrie**» frequente no Sudoeste (da França) sob a forma masculina **Garric** ou feminina **Garrigue** <sup>(33)</sup>.

Convém notar que o topónimo **Carrasco**, e derivados como **Carrazedo**, abunda principalmente na região mais celticizada do Noroeste peninsular <sup>(34)</sup>.

**Os Romanos em Carrazedo.**—Data de muito cedo a ocupação romana dos arredores de Carrazedo. Que mais não fosse, provava-o o aparecimento na região de alguns marcos miliários que chegaram até nós. Além disso, as estâncias arqueológicas da zona acham-se inteiramente romanizadas desde os primeiros tempos.

Há, porém, mais e muito mais: o sítio onde apareceu a pedra de Bloena fica precisamente na borda da Quinta e no lugar de **Romão** e perto da Casa de **Castro**, nome este por certo designativo do primeiro centro da ocupação romana local <sup>(35)</sup>. **Romão**, reconhece o seu étimo em **Romano**, e o povo simples das nossas aldeias ainda hoje atribui aos Romãos da época clássica ou aos Romano-Cristãos dos primórdios do Cristianismo, façanhas militares contra os pagãos da antiguidade, **Mouros** da fala do povo, ou a respeito dos Bárbaros do Norte <sup>(36)</sup>.

Pode até ser que o S. Romão da Citânia de Briteiros e de outros montes do mesmo nome tenha sido, a princípio, no pensar da boa gente dos arredores, a sentinela romana que lá viam no serviço da vigilância.

**Os Romanos e os Celtas.**—Em nossas terras, foram os Celtas os povos que precederam imediatamente os Romanos e por isso se avieram com estes invasores.

A luta foi longa e sangrenta e nem sempre as legiões de Roma, levaram a melhor na refrega. Mesmo quando vencidos em campo raso, manifestavam-se os nativos muitas vezes inexpugnáveis nos redutos das

<sup>(33)</sup> Albert Dauzat, *Les Noms de Lieux*, Paris, 1963, pág. 26.

O autor citado e Charles Rostaing, *Les Noms de Lieux*, Paris, 1948, pág. 35, relacionam **Garric** com o basco **harritz**, carvalho, que está em **Biarritz**.

<sup>(34)</sup> Cf. José Pedro Machado, *Vocabulário Pré-Romano*, em «Revista de Portugal», vol. XX, pág. 143; e J. Diogo Correia, *Notas Toponímicas*, em «Revista de Portugal», vol. XXIII, pág. 465.

<sup>(35)</sup> **Castrum** era mais usado no plural, **castra**, no sentido de acampamento militar. Significava entrincheiramento ou lugar fortificado. O castelo da Casa da Castro de Carrazedo é muitos séculos posterior à época romana, mas o nome do sítio, esse ascende, sem dúvida, aos primórdios da romanização.

Cf. A. Ernout e A. Meillet, *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, Paris, 1939, s. v. **castrum**.

<sup>(36)</sup> Cf. Luís Chaves, *Notas etnográficas colhidas na obra de Martins Sarmiento*, na «Homenagem a Martins Sarmiento», Porto, 1934, págs. 94-98.

## A INSCRIÇÃO DE BLOENA

montanhas. Não obstante, os Senhores do Mundo, se precisavam de manter livres dos ataques inimigos as vias de comunicação por onde transitariam soldados, comerciantes e artífices colonizadores, por outro lado, não tinham número suficiente de militares para manter em pé de guerra uma ocupação eficiente dos pontos altos. Nestas circunstâncias, que fazer? Procuravam atrair para as planícies as gentes das alturas, oferecendo-lhes terras aráveis e ensinando-os a tirar delas todo o rendimento possível <sup>(37)</sup>.

Com o estabelecimento dos Celtas junto das vias militares onde já viviam os Romanos, operou-se a fusão dos dois povos. Foi o que aconteceu com a parentela de Bloena e a descendência do primeiro **Romão** ou **Romano** cujo nome ainda perdura nas terras por ele arroteadas e lavradas há dois mil anos. Pode ser que o aparecimento de novas pedras e outros objectos naquela zona nos forneça notícias mais completas acerca da fundação e desenvolvimento da primitiva **villa** luso-romana de **Carrazedo**, antes disso um simples matagal de **carrascos** ou carvalhos rasteiros a que deve o nome.

Para já, podemos considerar estabelecidas três páginas da história bimilenária daquela linda terra.

1.<sup>a</sup> — O estabelecimento do primeiro posto de ocupação romana no altinho ligeiramente elevado onde hoje o castelo de Castro se mostra orgulhosamente a quem passa na estrada do Gerês;

2.<sup>a</sup> — A construção da via militar romana de penetração, Braga — Astorga pela Portela do Homem;

3.<sup>a</sup> — O estabelecimento pelo menos duma Família céltica na região a confraternizar com os Romanos precisamente ali estabelecidos.

**N. B.** — Estavam já redigidas estas linhas quando tive o prazer de encontrar nas páginas 179-184 de **Bracara Augusta**, vols. XXV-XXVI, um lindo trabalho do Sr. Dr. Rigaud de Sousa acerca da «Nova ara dedicada aos lares no Convento Bracaraugustano». Bem haja o ilustre investigador.

---

<sup>(37)</sup> L. Gonzaga de Azevedo, **História de Portugal**, vol. I, Lisboa, 1944, pág. 79; F. Lopez Cuevillas, **La Civilizacion Celtica en Galicia**, Santiago de Compostela, 1953, págs. 479-482; e Jorge de Alarcão, **Portugal Romano**, Lisboa, 1973, pág. 44.

